



Práticas e representações do patrimônio cultural em Rosana: a Folia de Reis Estrela Guia do Assentamento Rural Gleba XV de Novembro

Rafael Henrique Teixeira-da-Silva ¹  

Camila Benatti ²  

Destaques

- Histórico da ocupação e produção da terra no Pontal do Paranapanema.
- Festa, cultura e religiosidade popular como patrimônios culturais nacionais.
- A importância da prática Folia de Reis enquanto referência cultural brasileira.

Resumo: As manifestações culturais populares são produzidas pelo povo e reorganizam o território por meio das suas marcas identitárias, das relações sociais e de poder. Nesse sentido, o presente artigo tem o objetivo de compreender as continuidades e rupturas nas práticas e representações culturais da Folia de Reis Estrela Guia, do Assentamento Rural Gleba XV de Novembro, localizado no município de Rosana, situado na região do Pontal de Paranapanema, na porção extremo-ocidental do estado de São Paulo. Para isto, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória por meio de levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas para possibilitar o alcance dos objetivos propostos e basear a análise e a discussão dos resultados. Desse modo, apreende-se que a Folia de Reis da Gleba XV de Novembro possui diversos desafios para a sua manutenção e salvaguarda dessa tradição popular. Esta prática cultural e religiosa contribui significativamente para a construção da identidade cultural e da coesão social da comunidade, se impondo como vetor de resistência e de proteção da memória local e coletiva.

Palavras-chave: Reisado; patrimônio imaterial; salvaguarda; festas populares; Pontal do Paranapanema.

¹ Professor Assistente do Departamento de Turismo e Desenvolvimento do Território (UNESP-FEC/Rosana). Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-IGCE/Rio Claro).

² Professora Adjunta do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO-UEMS). Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).



PRACTICES AND REPRESENTATIONS OF CULTURAL HERITAGE IN ROSANA: THE FOLIA DE REIS ESTRELA GUIA OF THE RURAL SETTLEMENT GLEBA XV DE NOVEMBRO

Abstract: Popular cultural manifestations are produced by the people and reconfigure the territory through their identity markers, social relations, and power dynamics. In this context, the present article aims to understand the continuities and ruptures in the cultural practices and representations of the Folia de Reis Estrela Guia, of the Rural Settlement Gleba XV de Novembro, located in the municipality of Rosana, situated in the Pontal de Paranapanema region, in the extreme western portion of the state of São Paulo. To this end, a qualitative, descriptive and exploratory research was conducted through a literature review and semi-structured interviews to enable the achievement of the proposed objectives and to base the analysis and discussion of the results. In this way, it was understood that the Folia de Reis of Gleba XV de Novembro faces several challenges for the maintenance and safeguarding of this popular tradition. Nevertheless, this cultural and religious practice contributes to the construction of cultural identity and social cohesion of the community, establishing itself as a vector of resistance and means of protection of local and collective memory.

Keywords: Reisado; intangible heritage; preservation; popular folklore; Pontal do Paranapanema.

PRATIQUES ET REPRÉSENTATIONS DU PATRIMOINE CULTUREL À ROSANA: LA FOLIA DE REIS ESTRELA GUIA DU RÈGLEMENT RURAL GLEBA XV DE NOVEMBRO

Résumé: Les manifestations culturelles populaires sont produites par le peuple et réorganisent le territoire à travers leurs marques identitaires, les relations sociales et de pouvoir. Dans ce sens, le présent article a pour objectif de comprendre les continuités et ruptures dans les pratiques et représentations culturelles de la Folia de Reis Estrela Guia, de l'Assentamento Rural Gleba XV de Novembro, situé dans la municipalité de Rosana, dans la région du Pontal de Paranapanema, à l'extrémité ouest de l'État de São Paulo. Pour ce faire, une recherche qualitative, descriptive et exploratoire a été menée à travers une revue de la littérature et des entretiens semi-structurés afin de permettre d'atteindre les objectifs proposés et de baser l'analyse et la discussion des résultats. Ainsi, il a été constaté que la Folia de Reis de Gleba XV de Novembro rencontre divers défis pour sa préservation et la sauvegarde de cette tradition populaire. Cette pratique culturelle et religieuse contribue à la construction de l'identité culturelle et de la cohésion sociale de la communauté, s'imposant comme vecteur de résistance et de protection de la mémoire locale et collective.

Mot-clé: Reisado; patrimoine immatériel; sauvegarde; fêtes populaires; Pontal do Paranapanema.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o objetivo de compreender as continuidades e rupturas nas práticas e representações culturais da Folia de Reis Estrela Guia, do Assentamento Rural Gleba XV de Novembro, localizado no município de Rosana,

situado na região do Pontal de Paranapanema, na porção extremo-ocidental do estado de São Paulo. A investigação se concentrará em uma região de transição entre os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul. Essa unidade territorial é composta por um conjunto de 32 municípios, tendo a sua ocupação passado por três grandes agressivos processos: a grilagem de terras, o aniquilamento dos povos indígenas e a devastação ambiental.

Para atingir o objetivo proposto, a pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, a partir de levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas, para sustentar o desenvolvimento da análise e discussão dos resultados alcançados. O debate acerca do patrimônio cultural nos remete a uma importante tradição popular e religiosa proeminente nas comunidades rurais e tradicionais do Brasil: o evento festivo Folia de Reis. Segundo Haesbaert e Limonad (2007), as festas culturais populares são elementos fundamentais na construção social dos territórios. Ao adotar a concepção de cultura popular proposta por Chauí (1981), como sendo a expressão cultural do povo, compreende-se que as festas são eventos que contribuem para a formação e a reafirmação das identidades locais e das relações sociais estabelecidas nos territórios festivos.

A partir dessa compreensão, as festividades são práticas que transformam as dinâmicas e interações socioterritoriais. Dessa forma, reinventam o passado e dinamizam o presente moldando a percepção, a identidade e os significados dos indivíduos e grupos. Nesse sentido, as festas são apreendidas como um signo sociocultural e simbólico, traçado no espaço geográfico (Di Méo, 2001).

As festividades muitas vezes ocorrem em locais que normalmente são usados para outras atividades e funções, como áreas rurais, praças, ruas, sítios públicos e parques. Durante a sua ocorrência, há uma reapropriação temporária desses espaços, mudando seus papéis e o tipo de interação social que acontece ali. Esse processo produz um novo uso simbólico e social do território, distinto do seu habitual.

Apesar da sua natureza transitória, os eventos festivos promovem a construção de significados e a produção de novas realidades sociais que se perduram no tempo, no espaço e na memória das pessoas. Assim, as práticas festivas deixam

vestígios que transcendem o momento da celebração, influenciando nas representações coletivas da comunidade. Ao vivenciar esses eventos, os sujeitos não apenas usufruem de momentos de lazer e entretenimento, mas também reforçam suas identidades, os seus laços sociais e (re)significam o território (Di Méo, 2001).

As festividades congregam uma pluralidade de significados, passíveis de manifestação enquanto expressões de resistência cultural e política, bem como instâncias de reprodução de estruturas de dominação. Se por um lado elas refletem as objeções e o poder, por outro, como fenômeno cultural, elas se exprimem no território carregadas de significados, afetividades e emoções. Dessa forma, para Di Méo (2001) as festividades têm um papel fundamental no modo como o território é produzido, vivido e interpretado. Destarte, as festas se evidenciam em um espaço efêmero, porém dominante, que molda as identidades culturais da comunidade.

Portanto, Claval (2014) afirma que, em sua essência, as festas religiosas são rituais coletivos que modificam o espaço ordinário em um território sagrado. Por esse ângulo, os eventos festivos criam uma temporalidade particular que reforça o vínculo desse território com a comunidade, pois ao reunir as pessoas em um ambiente comum, fortalecem os laços sociais e atuam na construção e coesão da identidade coletiva. Nesse sentido, as festividades religiosas e populares são, simultaneamente, um ato de fé e um mecanismo social de aproximação e irradiação cultural (Oliveira, 2006; Claval, 2014).

Este artigo está dividido em cinco seções, sendo: introdução; metodologia; discussão sobre a ocupação e produção socioterritorial do Pontal do Paranapanema; análise da dimensão simbólica e cultural da Folia de Reis no Brasil, com destaque para a Estrela Guia da Gleba XV de Novembro; e, por fim, as considerações finais, que refletem sobre os desafios para sua continuidade.

METODOLOGIA

Um trabalho científico tem como base a problematização, distinguindo a pesquisa do senso do comum. A partir dessa apreensão, o presente estudo foi desenvolvido com base em uma abordagem metodológica qualitativa, de caráter descritivo e exploratório (Paiva, 2024). A pesquisa qualitativa permite uma

compreensão aprofundada dos fenômenos investigados, privilegiando a interpretação e a contextualização. O caráter descritivo possibilita a sistematização e a categorização das informações coletadas. Por sua vez, a natureza exploratória viabiliza a investigação de temas ainda pouco consolidados na literatura, abrindo caminho para novas perspectivas. Essa triangulação metodológica busca assegurar rigor científico e abrangência analítica, alinhando-se aos objetivos propostos pela pesquisa. Para isto, em um primeiro momento foram realizadas técnicas de levantamento bibliográfico e análise documental para fundamentar a compreensão e discussão dos resultados alcançados (Healey e Healey, 2016).

Sendo assim, com o intuito de cumprir este processo metodológico, foram feitas buscas em sites indexados e bibliotecas digitais com base em descritores específicos, a saber: patrimônio cultural; manifestações culturais; Rosana, SP; Pontal do Paranapanema; festividades populares; festas religiosas; Folia de Reis; Reisado; Terno de Reis. A utilização dos descritores foi fundamental para encontrar e selecionar os trabalhos mais importantes para o desenvolvimento desta pesquisa (Pazzetto, 2003).

Com a finalidade de alcançar os objetivos estabelecidos, foi desenvolvida uma análise da produção acadêmica referente à compreensão das manifestações e festividades culturais populares, tendo como particular interesse a festa Folia de Reis. Assim, por conseguinte, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, como forma de desenvolver a análise e discussão dos resultados. Para isto, foram ordenadas questões pré-estabelecidas, mas com abertura e flexibilidade para que os entrevistados pudessem explorar outros pontos que considerassem relevantes para a temática em pauta. Desse modo, foi fundamental a escolha do local de entrevistas onde os participantes se sentissem à vontade e acolhidos, para posteriormente prosseguir para a transcrição e análise das informações coletadas (Hitchings e Latham, 2020).

Destarte, foram desenvolvidas as análises das entrevistas imbricadas com a discussão dos resultados alcançados. A estrutura metodológica e teórica proposta neste estudo contribui de forma substancial para a sistematização do conhecimento necessário à consecução dos objetivos e ao cumprimento dos

domínios propostos. A combinação dos métodos de investigação selecionados permitiu a coleta de dados exploratórios e relevantes para a aprofundada análise da temática central desta pesquisa.

OCUPAÇÃO E PRODUÇÃO SOCIOTERRITORIAL DO PONTAL DO PARANAPANEMA

A ocupação das terras do Pontal do Paranapanema está inserida dentro do contexto da frente pioneira, processo pelo qual se deu a conquista dos territórios do Oeste Paulista. A origem desse processo está vinculada ao aumento da procura por matéria-prima, voltada para suprir a demanda de produção e consumo interno e do mercado internacional, além da chegada de grandes levas de imigrantes oriundos sobretudo do Mediterrâneo e da Europa Central.

Segundo Monbeig (1984), essa marcha hercúlea produziu a destruição das povoações indígenas e a constituição do mito do bandeirante desbravador paulista, sendo dividida pelo autor em três momentos. Na primeira etapa, de 1900 a 1905, ocorre a disseminação das plantações de café na frente pioneira, alavancada pela construção das estradas de ferro e pela constituição de novas relações sociais advindas do grande contingente de imigrantes. Num segundo momento, de 1905 a 1929, ocorreu o seguimento dessa expansão até o início da Grande Depressão, fato que gerou consequências devastadoras para os plantadores de café. O terceiro momento se deu até a década de 1940, período no qual se intensificam a derrubada e queima da floresta nativa e o avanço de diferentes culturas, consolidando a frente pioneira no Oeste Paulista.

As primeiras expedições a adentrarem a região do Pontal, impulsionadas pela incorporação de novos espaços para o plantio, agiram de forma violenta sobre os povos indígenas, obtendo terras por meio da grilagem e da ocupação. Esse conflito sangrento culminou no extermínio e na fuga para outras regiões dos povos Guarani, Tupiniquim, Xavante e Caingangue (Sobreiro Filho, 2013).

No cerne desse processo, se destacam dois movimentos de ocupação durante o fim do século XIX e início do XX. O primeiro foi liderado pelo pioneiro José Theodoro de Souza e teve origem em Pouso Alegre/MG, tendo como principal motor

a busca de terras para o cultivo. Devido ao fato de ter chegado na região do Pontal posteriormente à promulgação da Lei de Terras (1850), o posseiro apresentou documentação falsificada para tomar posse das terras e trouxe contingentes de Minas Gerais para apropriar-se do território. Além da fertilidade das terras, o principal atrativo daqueles que se arriscavam na empreitada de ocupar esse território eram os preços das terras griladas (Dornelles, 2016).

O segundo movimento foi realizado pela Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo, por meio da organização de expedições vinculadas à construção de estradas de ferro e à expansão da cultura do café. As expedições foram iniciadas pelo engenheiro Theodoro Sampaio em 1886. Ao final da primeira expedição, foi elaborado um relatório detalhado da região que foi apresentado à Assembleia Legislativa Paulista, em conjunto com as cartas cartográficas produzidas (Sampaio; Oliveira; Aguiar, 1889) Nesse documento, foram relatadas a uberdade do solo, a inexistência de povoações ditas “civilizadas” e a presença de povoações indígenas na região (Dornelles, 2016).

Como destacado por Mançano Fernandes (2023), a grilagem foi uma forma notória de obtenção de terras na região do Pontal do Paranapanema. Segundo o autor, essa atividade se intensificou na segunda metade do século XIX, com a aprovação da Lei de Terras. Utilizando-se de diversos artifícios ao longo de décadas, os grileiros conseguiram formalizar a posse dessas propriedades que, posteriormente, foram fracionadas e comercializadas. Sendo assim, as principais consequências desse processo de grilagem foram o acelerado processo de desmatamento, a plantação de diversas culturas voltadas para o acúmulo de capital e a destinação das áreas exauridas para a pecuária. Tal modelo potencializou o desenvolvimento predatório e agravou as desigualdades sociais na região.

Neste processo, os avanços nas vias de comunicação impulsionaram uma nova dinâmica territorial no Pontal. A construção de rotas e estradas de ferro proporcionou o surgimento de sítios favoráveis para o estabelecimento de áreas urbanizadas. Destarte, a estrada boiadeira desempenhou um papel central no desenvolvimento da região, ao permitir o acesso de migrantes, o transporte de gado e a circulação de mercadorias para a Capital do Estado (Sobreiro Filho, 2013). A expansão da Estrada de Ferro Sorocabana foi outro elemento central no

desenvolvimento da região. Depois de ficar alguns anos restrita ao município de Salto Grande/SP, em 1920 a estrada de ferro se estendeu até Presidente Prudente e em 1922 alcançou Presidente Epitáfio (Monbeig, 1984).

Os trilhos levaram a uma forte migração populacional para o Pontal, além de fomentar a instalação de empresas internacionais do ramo alimentício. No final da década de 1950 a estrada atinge o atual município de Mirante de Paranapanema, alcançando as cidades de Teodoro Sampaio e Euclides da Cunha Paulista no início dos anos 1960. A estrada foi imprescindível para o surgimento da cidade de Rosana/SP, já que a constituição da mesma havia sido projetada pela Colonizadora Camargo Correa, que ambicionava criar um povoamento no ponto final do trilho no estado (Almeida, 2016). Os trilhos nunca chegaram à sua destinação final e o ramal de passageiros e de cargas acabou sendo desativado nas décadas seguintes.

Entretanto, diferente de outras cidades do Oeste Paulista, a origem de Rosana/SP em meados da década de 1950 está estritamente vinculada à especulação imobiliária resultante do planejamento da construção da estrada de ferro. A Colonizadora Camargo Correa, responsável pelo empreendimento, fragmentou a área do município de Rosana/SP em diversos pequenos lotes que seriam voltados para a produção de hortifrutigranjeiros – com o intuito de abastecer o núcleo urbano. Desse modo, o perímetro urbano foi dividido em 1.116 lotes de 500 m², circundado por 273 propriedades rurais que possuíam áreas variadas, de 5 a 55 hectares (Hespanhol, 1985).

Com a ambição de suprir a demanda por energia gerada pela vertiginosa urbanização e a progressiva industrialização do estado de São Paulo, ocorre a constituição da CESP (Companhia Energética do Estado de São Paulo) visando a construção de grandes projetos hidrelétricos. Nesse sentido, a Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta (Porto Primavera) tem suas obras iniciadas em 1980, gerando reflexos sociais e ambientais gigantescos para a região. Ao final das obras, a infraestrutura resultante ostentava a maior barragem do país, com extensão de 10,2 km, e uma área inundada de 2250 km².

A partir desse crescimento populacional, a cidade de Rosana/SP se emancipa do município de Teodoro Sampaio/SP em 1990. No ano de 1992 é criado o distrito de Primavera, para abrigar os trabalhadores que atuavam na construção da

Hidrelétrica Sérgio Motta no rio Paraná, que em seu auge chegou a contar com nove mil trabalhadores empregados.

A constituição de grupos de trabalhadores expropriados, excluídos e marginalizados deu origem a organização de uma grande ocupação nas fazendas Tucano e Rosângela na cidade de Euclides da Cunha Paulista, ocorrida em 15 de novembro 1983. A ocupação era composta por aproximadamente 360 famílias, em sua maioria trabalhadores rurais e ribeirinhos, que se encontravam em situação de vulnerabilidade social decorrente das demissões em massa nos setores da construção civil da Hidrelétrica Sérgio Motta e da Destilaria Alcídia, agravada pelos impactos da inundação da barragem sobre seus territórios tradicionais (Mançano Fernandes, 1994; Iokoi *et al.*, 2005). Após a desocupação coercitiva da área, as famílias atingidas organizaram acampamentos às margens da Rodovia SP-613, buscando visibilizar sua situação e reivindicar o direito à moradia digna. No ano de 1984, o governo do Estado de São Paulo desapropriou partes de diversas fazendas da região e as destinou para o assentamento Gleba XV de novembro. No local foram reassentadas 446 famílias, objetivando amenizar os conflitos na região e compensar o alto custo social e ambiental da construção da barragem (Almeida, 2016).

A Gleba XV de Novembro, representa o primeiro assentamento rural da reforma agrária no Pontal do Paranapanema, abrangendo uma área de 13 mil hectares, que atualmente acolhem cerca de 571 famílias, divididas em mais de 500 lotes em cinco setores (Almeida, 2016). Localizada nos municípios de Euclides da Cunha Paulista/SP e Rosana/SP, a Gleba XV se constituiu como o maior assentamento do estado de São Paulo em extensão territorial e em número de famílias (Paula, 2023).

Durante a década de 1990 a região é marcada pela chegada do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com o propósito de recriar o campesinato por meio da reforma agrária e assegurar a subsistência dessas comunidades rurais. Desse modo o MST acabou por influenciar fortemente a luta pela terra na região, constituindo diferentes formas de enfrentamento, ao mesmo tempo que fortaleceu a construção identitária dos sem-terra. Nesse período há o fortalecimento da luta pela terra e a ocupação e desapropriação de diversas áreas. Conflitos esses que são marcados pelas constantes ameaças, além da recorrente

violência e repressão dos integrantes do movimento por parte dos latifundiários e do Estado (Sobreiro Filho, 2013). Entre os anos de 1988 e 2022 os movimentos sociais realizaram cerca de 450 ocupações, assentando quase 60 mil famílias. Atualmente o Pontal conta com 117 assentamentos e 6 mil famílias espalhadas em mais de 147 mil hectares de terra (Mançano Fernandes, 2023).

Dentre os principais assentamentos de Rosana/SP, devemos citar o Gleba XV de Novembro (1984), Nova Pontal (1998), Bonanza (1998) e Porto Maria (2005). Essa formação socioterritorial particular e complexa do Pontal está refletida nos bens, expressões e manifestações culturais do município. Nos últimos anos, tem ocorrido uma tentativa de inventariar os atrativos naturais e culturais do município, mormente na área rural, com o intuito de inserir a atividade turística como uma possibilidade de diversificação econômica (Peranton; Silva; Nagabe, 2012; Santos, 2018).

Nesse sentido, o modo de vida rural, os saberes e fazeres a ele associados, são elementos centrais na composição da identidade e das referências culturais dessa região. Sobretudo para a vida campesina, que se rebela contra a lógica do mercado capitalista, a produção dos alimentos, dos bens, da sua vida e do território não é vista como mercadoria, mas sim como costume, como condição para sua reprodução cultural, social, econômica e tradicional. A produção de alimentos da gastronomia rural, como farinha de mandioca, cocada, queijos, pães, conservas, biscoitos, doces em calda e compota, são elementos dessa cultura popular e camponesa subalternizada presente nos assentamentos. Além disso, também existem manifestações culturais representativas dos diferentes grupos formadores da região, expressas nas Cavalgadas, nas Rodas de viola e nas Folias de Reis presentes nos assentamentos.

No bojo desse caldo cultural conspícuo, é imprescindível que sejam identificados os sujeitos sociais que produzem tais saberes, bens e manifestações, além de reconhecer seus lugares marginalizados na nossa sociedade (Fonseca, 1997). Permeada de práticas e simbolismos, a cultura pode ser uma forma de afirmar a pluralidade e diversidade cultural da região.

FOLIA DE REIS: UMA INTRODUÇÃO

Folia de Reis, Reisado ou Terno de Reis são os nomes dados aos grupos que cantam e dançam nas vésperas e no dia de Reis, normalmente entre 24 de dezembro e 6 de janeiro – período natalino para os católicos. É uma manifestação religiosa/folclórica que pode conter apenas a cantoria ou um enredo e série de pequenos atos encadeados, com motivos sagrados da história de Cristo. O cortejo dos membros é realizado sempre com versos religiosos ou humorísticos, como os autos sacros (Brandão, 1982; Cascudo, 2012). A jornada representa a peregrinação dos três Reis Magos (Gaspar, Melchior e Baltazar) guiada pela estrela de Belém, em direção ao recém-nascido menino Jesus, com o intuito de homenageá-lo e presentear-lo com incenso, mirra e ouro. Em outras palavras, é um verdadeiro autodramatúrgico (Simas, 2018), articulando elementos do saber dóxico ao promover uma experiência estética que molda as formas de pensar, sentir e perceber o mundo (Cauquelin, 2005). Durante a temporada de peregrinação, também chamada de giro, os foliões realizam um itinerário de visitas às residências dos devotos, consagrando bênçãos e recebendo donativos.

Desse modo, a Folia de Reis é um ritual característico do catolicismo popular que se tornou predominantemente rural, sendo realizada geralmente em povoados, sítios e fazendas. É considerada como uma forte expressão da cultura e religiosidade católico-popular brasileira, que ocorre em várias regiões do país, principalmente nos estados do Nordeste, em Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Alguns autores afirmam que a Folia consiste na “[...] viagem ritual mais difundida no Brasil e a mais rica de ritos e crenças próprias” (Brandão, 1985, p. 138).

A festividade se realiza sem a necessidade da presença de sacerdotes da Igreja (Victorasso, 2015). Diferente de outros rituais do catolicismo popular no Brasil, o Reisado assim como diversas festividades rurais de devoção, dispensa a proximidade com igrejas e os serviços dos padres. Usualmente, a cerimônia coletiva ocorre na zona rural, simbolicamente reinventada para os ritos, comandada por autoridades da religiosidade popular (Brandão, 1985). As jornadas, marcadas pelo itinerário de visitas às casas dos devotos, consolidam vínculos socioterritoriais que entrelaçam

fiéis e foliões em uma rede de relações sociais e culturais, como será visto no item a seguir.

FOLIA DE REIS ESTRELA GUIA DA GLEBA XV DE NOVEMBRO

A Folia de Reis Estrela Guia (Figura 1) é uma das principais manifestações culturais da cidade de Rosana/SP, que atualmente encontra-se inativa. Originalmente a Folia foi trazida de Minas Gerais por Domingos Soriano, quando ele, a esposa e os filhos saíram da capital Belo Horizonte em direção ao Pontal do Paranapanema, na década de 1940. A princípio, Domingos Soriano e sua família se instalaram na cidade de Presidente Venceslau, sendo que em meados da década de 1950 se mudaram para Teodoro Sampaio, até finalmente se estabelecerem em Rosana/SP.

Figura 1 - Imagens da Folia de Reis Estrela Guia



Fonte: Adaptado pelos autores (2024).

Segundo seu filho, Manoel Soriano³, a mudança para a cidade foi motivada pelo falecimento de sua mãe. Durante esse trajeto, por todas as cidades que

³ Folião, agricultor e serralheiro aposentado, 82 anos.

passavam, a família mantinha viva a tradição da festa. Como pedido de seu pai antes de falecer, Manoel Soriano prometeu dar continuidade à realização da Folia, que também conta com a participação de sua esposa, Nazaré Afonso Costa⁴.

O casal se encontrou pela primeira vez durante a realização da Folia na Gleba XV de Novembro. O Senhor Manoel relata que na época em que conheceu a Senhora Nazaré, ele estava viúvo e com três crianças pequenas, sendo que ambos reconheceram as dificuldades e a solidão enfrentada por eles. Ela também tinha sob seus cuidados três filhos de tenra idade.

A partir dessa identificação, o casal se juntou e Manoel foi residir no lote pertencente a Nazaré, na Gleba XV. Tal fato demonstra a importância da festividade enquanto ritual de comunhão. Num mundo onde a erosão da comunidade se tornou uma realidade, a folia se apresenta como uma ação simbólica e ritual que transmite e representa os valores de uma comunidade (Han, 2021). Nascida em Itamarandiba/MG, localizada na região do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, Nazaré Costa migrou para Loanda/PR, passando curtos períodos em Piracicaba/SP e Teodoro Sampaio/SP, antes de se estabelecer definitivamente em Rosana/SP no ano de 1982.

De um modo geral, os Reisados apresentam uma estrutura social rígida, onde as relações de poder são hierarquizadas e marcadas por um forte patriarcalismo. Todavia, nos últimos anos a participação e o protagonismo das mulheres começaram a se tornar cada vez mais recorrentes nos Reisados (IEPHA/MG, 2016). Na Folia Estrela Guia, a presença da Senhora Nazaré no papel de Rainha Festeira é um grande exemplar dessa modificação. Anteriormente, Nazaré também já havia ficado encarregada de carregar a bandeira da Folia (Figura 2). Atualmente, além de Rainha, ela também toca o banjo da folia e tem o papel de responder e finalizar os versos do Mestre.

Com efeito, a divisão tradicional das tarefas e atividades entre homens e mulheres na organização e realização do giro e da festa de encerramento sofreu modificações graduais ao longo de anos. Anteriormente as mulheres ficavam incumbidas somente dos trabalhos de cozinha, preparo dos alimentos e cuidado das

⁴ Foliona, agricultora aposentada, 72 anos.

fardas e vestimentas, enquanto os homens eram responsáveis pelo transporte dos materiais, a tutela dos espaços físicos, as instalações elétricas e hidráulicas, entre outros. Como anunciado por Canclini (2013), as práticas populares e religiosas possuem uma grande plasticidade e habilidade de se renovar ao longo do tempo. Isto é, os costumes e tradições populares evidenciam uma forte capacidade de reinvenção, inseridos nos processos de hibridização, onde “[...] não há somente a fusão, a coesão, a osmose e, sim, a confrontação e o diálogo” (Canclini, 2013, p. 26). Além do papel assumido pela Senhora Nazaré (Figura 2), também foi mencionado que o grupo Estrela Guia teve uma integrante sanfoneira durante muitos anos, reforçando a renovação das estruturas e práticas da folia. Informações que demonstram algumas mudanças expressivas na produção dos territórios rurais como um todo, a partir da visibilidade da presença feminina (Vargas e Almeida, 2022).

Figura 2 - Senhora Nazaré Costa e Bandeira da Folia de Reis Estrela Guia



Fonte: Acervo dos autores (2024).

A maioria dos Reisados costuma ser composta por oito a doze membros. A Estrela Guia é formada por doze integrantes, quantidade escolhida por coincidir com o número de Apóstolos. Para sua realização, um grupo de folia deve possuir no

mínimo quatro elementos fundamentais. O primeiro é a *bandeira* ou *estandarte*, é um símbolo essencial da festa, na qual normalmente é representada a imagem de devoção a determinado santo – que vai constituir o domínio alegórico da folia. Na Estrela Guia, a imagem representada na bandeira é dos Três Reis Magos ou Santos Reis, elemento recorrente na grande maioria das folias mineiras. Em segundo lugar, destacam-se os personagens arquetípicos do *palhaço* ou do *bastião*, figuras marcadas por uma intrínseca dualidade. Ora associados à representação do bem, ora vinculados à personificação do mal, esses personagens revelam uma complexidade que desafia categorizações simplistas. Eles também desempenham o papel de animadores da festa, através de brincadeiras que, segundo a tradição, remetem à tentativa de distrair os soldados de Herodes durante a fuga da Sagrada Família (Simas, 2018). O terceiro elemento são os *cantadores* e *instrumentistas* que, regidos pelo mestre ou embaixador, realizam as narrativas cantadas e faladas do ritual. Além do embaixador, também existem o papel do contramestre, que fica encarregado de receber as ofertas, e da rainha ou bandeireira, que fica incumbida de cuidar e proteger o estandarte. Por fim, os *devotos* constituem o elemento catalisador da festividade, impulsionando-a por meio de suas devoções e promessas – que incluem a obrigação de angariar recursos para a sua realização. Sua participação ativa é fundamental para a manutenção e a vitalidade da tradição, sendo um pilar fundamental da validação desses grupos.

O itinerário festivo é marcado por quatro momentos, que envolvem o ritual de giro ou jornada, definido pelas visitas nas casas, os encontros, o cumprimento de promessas e a conceção de bênçãos. A saída da bandeira ocorre normalmente no dia 24 de dezembro, dia do nascimento de Cristo. Outras Folias da região têm datas diferentes de saída, de acordo com suas devoções específicas. O percurso não se restringe somente a casas localizadas na Gleba XV de novembro, passando também pela cidade de Rosana, pelo distrito de Primavera, além de povoados e assentamentos vizinhos. Apesar de terem se tornado mais escassos, o acolhimento e pouso na última casa visitada durante o itinerário festivo ainda permanecem. Outrora, já foi recorrente que os membros do grupo saíssem no dia 24 de dezembro e somente retornassem para suas casas no dia 06 de janeiro, dependendo inteiramente neste ínterim do abrigo, das refeições e do suporte dado pelos fiéis ao

longo do trajeto. Atualmente, com a melhoria do acesso aos transportes de ônibus e carro, não é mais recorrente que o pouso seja necessário.

A entrada nas casas é precedida por uma cantoria de pedido de admissão e acolhimento:

Boa tarde minha senhora, em sua casa vou chegando/
a sua casa vamos entrando/
Boa tarde minha senhora, em sua casa vou chegando, a sua casa eu
vou chegando/
Vim buscar minha bandeira que ficou me esperando, que ficou me
esperando.

A bandeira, enquanto artefato central na tradição da Folia, transcende sua função utilitária para se constituir em um poderoso símbolo religioso. Ao ser conduzida de casa em casa, ela não apenas marca a presença da Folia, mas também atua como um mediador entre o sagrado e o profano. Seu percurso pelos cômodos da residência, além de demarcar o espaço ritualizado, simboliza a proteção divina e a consagração do lar. O ato de cumprir promessas e as canções em louvor a Nossa Senhora Aparecida, que acompanham a passagem da bandeira, reforçam a dimensão devocional, conforme trecho a seguir:

Até o fim da sua jornada, Ele vai lhe abençoando, Ele vai lhe
abençoando/
Até o fim da sua jornada, Ele vai lhe abençoando, Ele vai lhe
abençoando/
A oferta que vos deu, eu não eu que vou pagar, eu não eu que vou
pagar/
Tenha fé em Santos Reis que ele vai lhe ajudar, ele vai lhe ajudar.

A chegada na Capela de Santos Reis é marcada pela presença de três arcos, de bambu ou outro tipo de material maleável, que são uma alegoria com representações divergentes dependendo da Folia. Em outros Reisados, ela pode representar os pontos cruciais na viagem dos Reis Magos (Victorasso, 2015). Na Estrela Guia, existe uma particularidade dos arcos, que são vinculados às três quedas de Jesus. As quedas não pertencem originalmente à Sagrada Escritura, são uma tradição do credo popular. O trajeto até a Capela é feito de joelhos e em cada arco é entoada um canto, que pode variar anualmente. Via de regra, as cantorias mesclam elementos

religiosos, populares e históricos que expressam a fé, agradecimentos e pedidos de saúde.

Este é o primeiro arco, este é o primeiro arco, é a queda de Jesus [...] Quando estava carregando sob o peso da santa cruz, sob o peso da santa cruz, ai, ai, ai [...]

Este é o segundo arco, este é o segundo arco, e a bandeira vai chegando [...] Santos Reis nos dá saúde, Santos Reis nos dá saúde e a gente vai caminhando [...]

Este é o terceiro arco, este é o terceiro arco, tá chegando em Belém, tá chegando em Belém [...] Para Deus pedir saúde, para Deus pedir saúde, para voltar o ano que vem, pra voltar o ano que vem, ai, ai, ai [...].

No retorno da Folia ao sítio do casal, onde se localiza a Capela de Santos Reis (Figura 3), ocorre o fechamento da bandeira e a subsequente festa de arremate. Este momento de confraternização congrega foliões, devotos e simpatizantes, solidificando os laços comunitários e a cooperação, entrelaçados por uma vivência hospitaleira (Arevalo e Benatti, 2023).

Figura 3 - Capela dos Santos Reis/Gleba XV de Novembro



Fonte: Acervo dos autores (2024).

A prática recorrente de convidar outros grupos de Reisado para partilhar do festim evidencia a importância das redes de sociabilidade estabelecidas e o caráter itinerante e compartilhado dessa manifestação cultural. Os laços de proximidade e compadrio são um aspecto fundamental da superação das adversidades e da luta no território rural. A dinâmica religiosa produzida nesses espaços proporciona um ambiente propício à construção de significados compartilhados, onde a emoção, a experiência sensorial e a crença no sobrenatural se entrelaçam, fortalecendo os laços comunitários.

O encerramento é um momento de despedida da bandeira, para que ela regresse ao seu local de origem e seja guardada pelo responsável, retornando a circular novamente somente no final do ano. Este ritual performativo representa uma encenação simbólica de despedida, marcando o encerramento da jornada e simbolizando a separação dos foliões da bandeira e do grupo. Cada integrante é convocado para se despedir e receber a bênção final, encerrando suas obrigações com a jornada (IEPHA/MG, 2016). Durante essa cerimônia, é evidente que a Capela se torna ponto de referência geográfico e simbólico de fundamental importância. Tal fato demonstra que a Capela é um núcleo central na construção da identidade e de sentimentos individuais e coletivos de religiosidade e de comunidade. Desse modo, a Capela é paradigmática, pois representa significados e relações simbólicas projetadas materialmente no território (Bonjardim e Almeida, 2015). Projeção essa que resulta de apropriações simbólicas e concepções de mundo materializadas na paisagem rural. A apropriação funcional e simbólica proporcionada pela Folia de Reis acaba por transformar os espaços e produzir territórios marcados pela cultura popular, pelo processo de disputa pela terra e pela constituição de celebrações sincréticas de resistência.

Segundo o casal, mais de mil pessoas já chegaram a participar da festa de arremate. Na celebração de encerramento, todas as doações e contribuições recolhidas são revertidas para o banquete. Manoel Soriano afirma que em alguns anos já foram comprados para a festa mais de oitenta caixas de cerveja e cem litros de vinho, o que condiz com o número de participantes informado. Além das bebidas, a cerimônia também ostenta fartura de comidas caseiras e de churrasco, constituindo o ápice do costume de reciprocidade perpetrado pelos foliões. A festa é

uma forma de realizar plenamente as obrigações com os santos de devoção e de ofertar uma contrapartida. Como apontado por Simas (2020), a festa é uma forma de espantar a miséria, de inventar uma certa comunidade generosa, que desafia a pátria arcaica e conservadora. Ela é um lócus de subversão da experiência cotidiana da escassez e da negação da cidadania.

A Folia Estrela Guia não tem realizado suas saídas desde o início da pandemia de Covid-19 e a implementação de medidas preventivas para reduzir sua disseminação no ano de 2020. Esse período congregou um encadeamento de dificuldades para a realização da Folia. O primeiro elemento é a própria idade do Mestre da Folia e da Bandeireira, que se encontram com sua saúde fragilizada. Ademais, o falecimento de membros da Estrela Guia, em especial de músicos, acentuou a dificuldade de manter a formação original do grupo.

A perpetuação da tradição familiar foi marcada pela presença dos filhos e netos do casal durante um longo período. Porém, os ciclos da vida e as mudanças de cidade levaram à gradual saída dos familiares. Em conjunto com essa questão também se encontra a falta de interesse em participar da manifestação cultural por parte dos jovens que residem no Assentamento. Outro empecilho para a continuidade da festa é a falta de apoio institucional da prefeitura. O casal menciona que durante as gestões do Prefeito Jurandir Pinheiro (1993-96 e 2005-07) havia uma interlocução com a municipalidade, que viabilizava o transporte e alguns utensílios para a realização do folguedo. No entanto, as gestões subsequentes não deram continuidade a essa assistência. Por fim, a última adversidade que a folia tem encontrado são as barreiras impostas pela disseminação de Igrejas Evangélicas no Assentamento, fato que tem levado a disputas nas diferentes formas de territorialização da fé e, por conseguinte, no jogo político, social e cultural da localidade.

Por meio do Edital DPI/IPHAN n. 02/2023⁵, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional buscou celebrar um Termo de Colaboração voltado para seleção de uma Organização da Sociedade Civil, que deve executar a pesquisa e documentação para o Registro nacional das Folias de Reis. A pesquisa, conforme

⁵ A presente pesquisa não está vinculada diretamente ao Edital do IPHAN. Contudo, o Edital ratifica a relevância e atualidade da temática do artigo.

estabelecido no edital, deve caracterizar as transformações e discontinuidades do bem cultural, assim como, efetuar o registro e apreensão das músicas, da poética, da teatralidade, dos principais personagens, da dança, da corporalidade, dentre outros elementos que compõem a manifestação. Como produtos da chamada pública, estão previstos um dossiê com a descrição pormenorizada do bem; videodocumentários de caráter etnográfico; documentação fotográfica; e, mapas de base cartográfica com as coordenadas georreferenciadas das folias.

Assim como já ocorreu no Estado de Minas Gerais, o processo de Registro nacional das Folias de Reis demonstra a representatividade que essa manifestação cultural possui, sobretudo nas áreas rurais do país. Embora Rosana detenha o status de Município de Interesse Turístico e esteja inserida nas principais políticas públicas estaduais de turismo, a cidade enfrenta desafios significativos na realização do inventário, tombamento e registro de seus bens culturais. No Plano Diretor de Turismo (2022), consta uma breve listagem dos patrimônios culturais e naturais do município, que não menciona a Folia de Reis Estrela Guia. Além disso, apesar da cidade contar com Conselho Municipal de Turismo ativo e atuante, a mesma não possui um Conselho de Cultura e tampouco um Conselho de Patrimônio⁶.

Advindo da constatação anterior, é de se esperar que haja uma enorme dificuldade de implementar políticas, programas e projetos de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural, tendo em vista a ausência de algumas estruturas de gestão e administração pública. Nem mesmo a recente aprovação da Lei Municipal n. 1.780/2023, que prevê o desenvolvimento do turismo rural e o resgate e promoção do patrimônio cultural, está sendo efetiva no fomento e salvaguarda da cultura local. Ademais, deve-se ressaltar que algumas políticas de preservação, como a Lei N. 1.780/2023, podem levar a uma padronização da abordagem dos bens patrimoniais, acarretando na homogeneização dos territórios e na redução da diversidade cultural (Teixeira-da-Silva, 2022). Por fim, deve-se ressaltar que a continuidade da Folia de Reis Estrela Guia é um contraponto a um sistema de privilégios concretos e simbólicos que se respaldam no passado, se reafirmam no

⁶ Previsto no Plano Diretor da Cidade (2015), Lei Complementar n. 45/2015, de 24 de dezembro de 2015.

patrimônio consagrado e se projetam no futuro, visando a manutenção do monopólio representativo identitário regional e nacional (Schwarcz, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar apreender as continuidades e rupturas da manifestação cultural Folia de Reis Estrela Guia, foi possível elucidar que ela confere valores socialmente compartilhados pelos membros da comunidade que estão envolvidos direta e indiretamente com o folguedo. A festa se apresenta como um signo representativo cultural e simbólico, encravado no território da Gleba XV de Novembro. A Folia de Reis revela-se como uma prática cultural multifacetada, desempenhando um papel central na construção do território e das identidades culturais e religiosas locais. Através dessa manifestação, os indivíduos constroem relações complexas com o ambiente e com a sociedade, moldando suas percepções e concepções de mundo. Processo que ocorre em uma via de mão dupla, na qual o território influi diretamente nas práticas, identidades e manifestações culturais, assim como também acaba sendo moldado por elas.

Os desdobramentos de um extenso processo de ocupação e produção socioterritorial da região do Pontal do Paranapanema se encontram imbricados e superpostos na própria festividade. A frente pioneira esteve na vanguarda de diversos acontecimentos e fundamentos, que vieram a definir a composição espacial, social e cultural de todo o Oeste Paulista. Por conseguinte, a Folia Estrela Guia se apresenta como uma verdadeira cultura de fresta e de resistência, que se potencializa a partir da religiosidade popular e do sentimento comunitário. O giro e a performance dramática do folguedo proporcionam o estabelecimento de relações sociais, de construção de vínculos afetivos e de ligações existenciais com o território. Ingredientes que juntamente com a repetição, a mesmidade da festa, ajudam a estabilizar o ser social das pessoas em uma sociedade marcada pelo desaparecimento dos rituais. A austeridade material das vestimentas, instrumentos e ornamentos antagonizam com a profunda suntuosidade simbólica da festa. Ela acaba por cimentar existências sociais em contradição com uma sociedade globalizada

marcada pela ausência da memória, pelo inebriamento da comunicação e pelo desaparecimento de vínculos comunitários.

À laia de conclusão, a Folia de Reis encontra diversos empecilhos para sua manutenção em uma sociedade marcada pelo imperativo do desempenho e pela coação da produção. O rearranjo dos territórios, organizados imunologicamente, leva à erosão dos espaços rituais que possibilitam desregramentos lúdicos e festivos. A tentativa de implementação de inventários patrimoniais e políticas culturais não tem sido efetiva na ruptura da anestesia social que vem sendo instaurada, refletida sobretudo no desinteresse dos jovens em produzir e participar da Folia. Em contrapartida, a Folia de Reis Estrela Guia se apresenta como uma manifestação cultural de resistência contra esse desencantamento do mundo. Ela possui uma capacidade transgressiva e um potencial criativo de transformar os espaços em territórios festivos onde a vida pulsa

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, O. **A reforma agrária sob a ótica de mulheres assentadas: a história da Gleba XV de Novembro a partir da trajetória da OMUS - Organização das Mulheres Unidas.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2016. Disponível em: <http://200.129.209.58:8080/handle/prefix/104>. Acesso em: 10 jun. 2024.

AREVALO, M. E BENATTI, C. O dom das festas: A hospitalidade na festividade Folia de Reis em Itaporã, MS. **Revista Turismo Estudos e Práticas**, v. 12, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://geplat.com/rtep/index.php/tourism/article/view/1038/976>. Acesso em: 07 jul.2024.

BONJARDIM, S.;ALMEIDA, M. Templos e Rituais como Patrimônio Cultural: a Geografia nas Análises da Religião. In: VARGAS, M. A. M.; DOURADO, A. M.; SANTOS, R. H. DOS. (Org.). **Práticas e Vivências com a Geografia Cultural**. 1ed. Aracaju: Edise, 2015. p. 95-141.

BRANDÃO, C. R. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, C. R. **Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2013.

- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo. Ed. Global, 2012.
- CAUQUELIN, A. **Teorias da Arte**. Trad. Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHAUÍ, M. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Ed. Moderna, 1981.
- CLAVAL, P. A Festa Religiosa. **Ateliê Geográfico**, v. 8, n. 1, pp. 06-29, 2014. Doi: <https://doi.org/10.5216/Ag.V8i1.29952>.
- SAMPAIO, T. F.; OLIVEIRA, F. P.; AGUIAR, J. F. W. de. **Exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889. 1 atlas, [4], 14 p. de texto, 25 cartas.
- DI MÉO, G. **La géographie en fêtes**. Paris: Ophrys, 2001.
- DORNELLES, S. S. **A questão indígena e o Império: índios, terra, trabalho e violência na província paulista, 1845-1891**. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1630550>. Acesso em: 20 set. 2024.
- FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/MinC/Iphan, 1997.
- HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Editora Vozes, 2021.
- HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 1, n. 2 (4), p. 39-52, 2007. <https://doi.org/10.12957/geouerj.1999.49049>.
- HEALEY, M.; HEALEY, R. L. How to conduct a literature search. In: Clifford, N.; Vallentine, G. **Key Methods in Geography**. Londres: Sage, 2016, p. 16-34.
- HESPANHOL, A. **O Distrito de Rosana: Alguns Aspectos**. Monografia (Graduação em geografia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, SP, 1985.
- HITCHINGS, R.; LATHAM, A. Qualitative methods I: On current conventions in interview research. **Progress in Human Geography**, v. 44, n. 2, p. 389-398, 2020. <https://doi.org/10.1177/0309132519856412>.
- IEPHA/MG. Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. Cadastro das Folias de Minas Gerais. **Inventário das Folias de Minas**. Belo Horizonte: IEPHA/DPM/GPI, 2016. IOKOI, Z.; ANDRADE, M.;

- REZENDE, S.; RIBEIRO, S. (Org.). **Vozes da terra: história de vida dos assentados rurais de São Paulo**. São Paulo: Fundação Itesp, 2005.
- MANÇANO FERNANDES, B. **Espacialização e territorialização da luta pela terra: A formação do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- MANÇANO FERNANDES, B. **Política de venda de terras no Pontal do Paranapanema adotada pelo governo do estado ignora histórico de grilagem na região, escreve Bernardo Mançano em artigo**. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/NRJZB>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.
- MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec e Editora Polis, 1984.
- OLIVEIRA, C. D. A Geografia das Festas do Interior: mediações culturais entre religiosidade, turismo e educação. In: SILVA, J. B.; DANTAS, E.; ZANELLA, E.; MEIRELES, A. J. A. (Orgs.). **Litoral e sertão, natureza e sociedade no Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Expressão Geográfica, p. 61-77, 2006.
- PAIVA, D. **Manual de Métodos Qualitativos em Geografia**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2024.
<https://doi.org/10.33787/CEG20240002>.
- PAULA, L. A. C. A Organização de Mulheres Unidas da Gleba XV de Novembro: agricultoras brasileiras e desenvolvimento local. **Finisterra**, v. 58, n. 123, 2023. <https://doi.org/10.18055/Finis32248>.
- PAZZETTO, V. **Pesquisa na Internet: uma abordagem através da metodologia científica**. 2003. Dissertação, Mestrado em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2003.
- PERANTONI, A.; SILVA, L.; NAGABE, F. Inventário turístico: experiências acadêmicas com metodologias e práticas no planejamento do Turismo no Pontal Paulista/SP. **Anais Brasileiros de Estudos Turísticos**, v. 3, n. 1, p. 62–70, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/3033/1045>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ROSANA. **Revisão do Plano Diretor de Turismo**. Rosana, 2022. Disponível em: <https://www.rosana.sp.gov.br/document-tag/plano-diretor/>. Acesso em: 17 ago.2024.
- SANTOS, C. **As políticas de desenvolvimento rural e o turismo no espaço rural: os casos dos municípios de Rosana, Presidente**

Epitácio (São Paulo, Brasil), Santiago de Compostela e Padrón. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Presidente Prudente, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/494d8bce-bab5-4eab-8143-6d3a4d514114>. Acesso em: 05 jan. 2024.

SIMAS, L. A. **Almanaque brasilidades:** um inventário do Brasil popular. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SOBREIRO FILHO, J. **Movimentos em pedaços e os pedaços em movimento:** da ocupação do Pontal do Paranapanema à dissensão nos movimentos socioterritoriais camponeses. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Presidente Prudente, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/4cb85fc2-011f-469b-ac3e-611417d3ab8b>. Acesso em: 10 jan. 2024.

SCHWARCZ, L. **Imagens da branquitude:** A presença da ausência. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

TEIXEIRA-DA-SILVA, R. H. Um debate sobre as interpretações acerca da patrimonialização: conceitos e perspectivas. **Patrimônio e Memória**, Assis, SP, v. 18, n. 1, p. 189-204, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1378/1293>. Acesso em: 10 dez. 2023.

VARGAS, M. A. M.; ALMEIDA, M. G. Cultura e natureza - a construção da identidade territorial da mulher rural sergipana. **Revista Geonordeste**, v. XXXIII, p. 59-76, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/geonordeste/article/view/18274/13239>. Acesso em: 20 jul.2024.

VICTORASSO, P. H. **A Folia de Reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014):** entre o sagrado e o profano. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c9f44363-66dc-4a3f-b8b6-01feb1b8850b/content>. Acesso em: 10 de jun. 2024.

Como citar este artigo:

TEIXEIRA-DA-SILVA, Rafael Henrique; BENATTI, Camila. Práticas e representações do patrimônio cultural em Rosana: a Folia de Reis Estrela Guia do Assentamento Rural Gleba XV de Novembro. **GEOGRAFIA**, Rio Claro-SP, v. 50, n. 1, p. 592-617, 2025. DOI:

Recebido em 13 de maio de 2025
Aceito em 28 de agosto de 2025